



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

**A CRÍTICA LITERÁRIA SOBRE A LÍRICA DE JOAQUIM CARDOZO NO *DIÁRIO
DE PERNAMBUCO***

KÉSSIA KELLE FLOR DE LIMA

**MAMANGUAPE-PB
2021**

KÉSSIA KELLE FLOR DE LIMA

A CRÍTICA LITERÁRIA SOBRE A LÍRICA DE JOAQUIM CARDOZO NO *DIÁRIO DE
PERNAMBUCO*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, em
cumprimento aos requisitos para a obtenção do título de
Licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elaine Cristina Cintra.

Mamanguape-PB
2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732c Lima, Kessia Kelle Flor de.

A crítica literária sobre a lírica de Joaquim Cardozo no Diário de Pernambuco / Kessia Kelle Flor de Lima. - Mamanguape, 2021.

43 f. : il.

Orientação: Elaine Cristina Cintra Cintra.
TCC (Graduação) - UFPB/CCAEE.

1. Crítica literária em jornais. 2. Lírica brasileira do século XX. 3. Joaquim Cardozo. 4. Diário de Pernambuco. I. Cintra, Elaine Cristina Cintra. II. Título.

UFPB/CCAEE

CDU 82

KÉSSIA KELLE FLOR DE LIMA

A CRÍTICA LITERÁRIA SOBRE A LÍRICA DE JOAQUIM CARDOZO NO *DIÁRIO DE PERNAMBUCO*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba – Campus IV, em cumprimento aos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Elaine Cristina Cintra.

Aprovado em 02 de Julho de 2021.

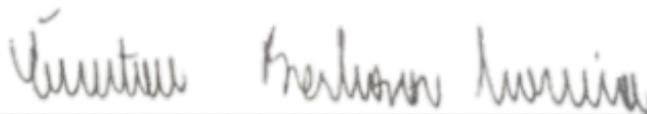
BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Elaine Cristina Cintra – UFPB/DL.
(Orientadora – Presidente)



Prof^ª. Dr^ª. Moama Lorena de Lacerda Marques
(Examinador 1)



Prof. Dr. Éverton Barbosa Correia
(Examinador 2)

Mamanguape-PB
2021

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por me criar, me educar, me fortalecer e me amar.

À minha querida orientadora, por viabilizar a oportunidade de crescer intelectualmente e por me apresentar a transformadora poesia.

Ao meu sexteto, no qual cada integrante possui uma qualidade que me inspira e que tornaram a minha vida universitária mais feliz.

A cada professor, que me inspirou, me abraçou e me ensinou carinhosamente.

Aos amigos, Iran Jorge e Mirelly Clécia pela amizade e por compartilhar a vida universitária comigo.

Aos companheiros do Grupo de Estudos Laboratório de Estudos de Poesia (LEP).

À Universidade Federal da Paraíba, por ser o meio facilitador de conquistas.

Ao CNPq e à Propesq, pelo mais vasto incentivo à pesquisa estudantil.

Ao meu marido, por ser o meu maior incentivador, por ser exatamente como é, e por saber quem sou.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu,
mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre
aquilo que todo mundo vê.”

(Arthur Schopenhauer)

RESUMO

O presente trabalho buscou analisar as críticas literárias publicadas no *Diário de Pernambuco* sobre a lírica de Joaquim Cardozo, com o intuito de demonstrar o impacto na recepção da obra desse autor na região pernambucana. Assim, o objetivo da pesquisa foi discutir de que forma a crítica literária sobre a poesia de Joaquim Cardozo publicada no *Diário de Pernambuco* foi relevante para os estudos de sua obra lírica. A metodologia utilizada constitui-se em uma pesquisa bibliográfica, com uma abordagem qualitativa. O método crítico adotado para essa pesquisa foi o historiográfico, no entanto foi necessário rastrear as questões inerentes à crítica literária. Na análise do corpus percebemos que duas linhas imperavam na crítica literária sobre o autor neste periódico: 1. a relação do poeta pernambucano com a sua região; 2. a “geografia humana”, expressão que aponta para as reflexões sobre as problemáticas humanas universais. Para a reflexão teórica, nos apoiamos nas teorias de Souza (2014), Nina (2007), Nascimento (1968), Cintra (2017), entre outros.

Palavras-chave: Crítica Literária em jornais. Lírica brasileira do século XX. Joaquim Cardozo. *Diário de Pernambuco*.

ABSTRACT

Title: Literary criticism of Joaquim Cardozo's lyric in the *Diário de Pernambuco*

The present work sought to analyze the literary criticisms published in the *Diário de Pernambuco* about the lyrics of Joaquim Cardozo, in order to demonstrate the impact on the reception of this author's work in the region from Pernambuco. Thus, the objective of the research was to discuss how the literary criticism on the poetry of Joaquim Cardozo published in the *Diário de Pernambuco* was relevant to the studies of his lyrical work. The methodology used consists of bibliographical research, with a qualitative approach. The critical method adopted for this research was the historiographical one however, it was necessary to track the issues inherent to literary criticism. In the analysis of the corpus, we realized that two lines prevailed in the literary criticism about the author in this periodical: 1. the relationship between the poet from Pernambuco and his region; 2. "human geography", an expression that points to reflections on universal human problems. For theoretical reflection, we relied on the theory of Souza (2014), Nina (2007), Durão (2016), Cintra (2020), among others.

Keywords: Literary review in newspapers. 20th century Brazilian lyric. Joaquim Cardozo. *Diário de Pernambuco*.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
CAPÍTULO 1: JOAQUIM CARDOZO EM SEU TEMPO	16
1.1 Vida e obra do poeta engenheiro.....	16
1.2 As várias nuances de sua poesia.....	22
CAPÍTULO 2: JOAQUIM CARDOZO NO <i>DIÁRIO DE PERNAMBUCO</i>	28
CAPÍTULO 3: JOAQUIM CARDOZO, POETA DO REGIONALISMO E DA “GEOGRAFIA HUMANA”	32
3.1 Regionalismo	32
3.2 “Geografia humana”	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	43

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“As horas caem dos relógios do *Diário*,/ Da Faculdade de Direito e do Convento/ De São Francisco:/ Duas, três, quatro...a alvorada se anuncia.” (CARDOZO, 1947, p. 47). Tais versos, do poema “Recife Morto”, de Joaquim Cardozo, apresentam vários pontos marcantes do centro da cidade de Recife, como a antiga sede do *Diário de Pernambuco*, que tem notáveis relógios em seu prédio, situando a cidade em seu tempo.

Imagem 1 - Antiga sede do *Diário de Pernambuco*.



Fonte: Site do *Diário de Pernambuco* (2019)¹.

Este mesmo local assinala um momento importante da trajetória profissional e pessoal do poeta pernambucano, pois, a notável presença de Joaquim Cardozo no *Diário de Pernambuco* iniciou-se em 1914, quando o autor teve sua primeira experiência profissional, aos 17 anos, como caricaturista, e foi também no livro que homenageia os 100 anos do *Diário de Pernambuco*, o *Livro do Nordeste*, organizado por Gilberto Freyre, em 1925, que Cardozo estreia como crítico literário, analisando a produção poética de Manuel Bandeira.

Com efeito, o *Diário de Pernambuco* foi por muito tempo o principal propagador da literatura na sociedade pernambucana e preservou importantes registros literários de

¹ Disponível em: <http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br/noticia/cadernos/economia/2014/11/antigo-diario-vira-porto-digital.html>. Acesso em: 20 maio 2021.

diferentes épocas, no qual pode-se incluir críticas literárias a respeito da lírica de Joaquim Cardozo. São justamente esses dados que inspiraram a elaboração do presente trabalho, que objetiva discutir de que forma a crítica literária sobre a poesia de Joaquim Cardozo publicada no *Diário de Pernambuco* foi relevante para os estudos de sua obra lírica, e quais as principais questões que foram levantadas em tais textos.

Consideramos importante relacionar o jornal e a literatura como fonte dos acontecimentos de uma determinada época, sendo o jornal de modo mais acessível ao grande público e a literatura com sua função em representar a sociedade de modo artístico, logo, a justificativa do presente estudo é concentrada na propagação das obras de Joaquim Cardozo em Pernambuco, onde grande parte foi divulgada através dos jornais da época.

À vista desses pretextos, é relevante resgatar a figura de Cardozo, que é considerado um profissional múltiplo, pois atuou como topógrafo, engenheiro, poeta, contista, caricaturista, dramaturgo, desenhista, crítico de arte e historiador. Vale destacar que o *Diário de Pernambuco* registrou várias dessas facetas, contribuindo para divulgar sua obra na região, além de agregar pesquisas acerca deste poeta, incluindo a reprodução de vários estudos críticos que hoje são tidos como relevantes na leitura do autor. A proposta desse trabalho é, então, acompanhar os textos críticos que circundaram a obra do autor neste veículo. Cabe, além de verificar e analisar os dados, discutir o papel da crítica literária do jornal no século XX, e como ela se constitui a partir de uma função social mais ampla.

De acordo com Roberto Acízelo de Souza (2014), em *História da literatura*, a crítica literária no Brasil surgiu no século XIX de modo singelo como uma das atividades escolares aplicadas por docentes, que geralmente tinham sua especialidade em letras. Para atingir os méritos culminantes de uma obra, era fundamental a preservação dos modelos de gêneros considerados tradicionais, como a tragédia, a epopeia, a ode, o hino, etc., além da preservação do padrão de honra e virtude da obra. Nesse momento inicial, os estudos literários se pautavam especialmente pela historiografia literária, uma vez que havia uma demanda em se sistematizar aquilo que seria a literatura brasileira. Porém, além dessa recolha de textos supostamente significativos da cultura nacional, já se fazia instância didática um exercício de leitura avaliativa, ou seja, crítica.

Posteriormente, a partir do século XX, com a forte influência de tendências imanentistas no país, como o formalismo russo, o estruturalismo e a corrente do *New Criticism*, a historiografia literária vai dividir o espaço da leitura da literatura brasileira com a crítica literária. Para Souza (2014, p. 19), pode-se dividir essa crítica em dois estudos: “crítica à antiga” e a “moderna crítica”. A denominada “crítica à antiga”, “mesmo no seu nível

reservado à emissão do juízo, submete-se a preceitos que considera inquestionáveis, admitindo o enraizamento deles em praxes coletivas tradicionalmente aceitas.” (SOUZA, 2014, p. 19), estruturas que eram ascencionadas anteriormente à revolução científica. Opondo-se a essa visão, a “moderna crítica” por Souza (2014) tem como definição a liberdade do crítico em questionar e julgar sem limitações de ideias esboçadas.

Entretanto, esse desenvolvimento acerca da crítica literária não aconteceu repentinamente, mas houve acontecimentos históricos que contribuíram para a sua ascensão. No que se refere ao primeiro modo destacado por Acízelo, pode-se incluir a reforma protestante, em que passou-se a ter a necessidade de comprovar a autenticidade das obras, deixando, assim, de ser a crítica uma análise de leitura e estrutura de ideias preconcebidas:

[...] a técnica, perícia ou habilidade para a leitura acurada de textos, visando, entre outros objetivos à verificação da autenticidade a aferição de mérito, passa a ser aplicada por eruditos à leitura da própria Bíblia. Desse modo, o que há séculos mais não era do que uma prática intelectualmente acanhada - aferir a exemplaridade de composições particulares, mediante seu confronto com modelos genéricos ideais -, a partir da reforma protestante apresenta-se como ferramenta a serviço do livre exame do mais intangível de todos os textos, Bíblia. (SOUZA, 2014, p. 20).

Desta forma, a crítica literária passava a atuar em um espaço mais amplo, alcançando âmbitos anteriormente considerados inquestionáveis, colocando como preeminência a racionalidade. Estas mudanças se fizeram necessárias por consequência das marcas históricas de acesso à literatura, isto é, os livros impressos tinham como principais leitores a burguesia, porque o valor da aquisição desses materiais era absurdamente elevado, influenciando na formação intelectual da sociedade. Com efeito, essas mudanças na propagação literária resultaram em um público mais diversificado e numeroso. Tal discussão está presente em *A ascensão do romance*, de Ian Watt (1990):

Certamente os leitores menos endinheirados podiam adquirir muitas outras publicações mais baratas: baladas por meio *penny* ou um *penny*; folhetos contendo novelas cavaleirescas resumidas, novas histórias de crimes e relatos de acontecimentos extraordinários por preços que variavam de um *penny* a seis *pence*; (WATT, 1990, p. 44).

Desta forma, para uma expansão maior dessas obras, teve-se a necessidade de propagar os livros através dos jornais, pelo fato de oferecer um menor custo e adquirir uma maior ampliação de leitores. Como é discutido por Terry Eagleton em *A função da crítica* (1991, p. 13):

A aguda sensibilidade que a imprensa popular do século XVII tinha para com as exigências de seu público, alimentando a sua fome de conhecimentos científicos,

conforto moral e orientação social, é preservada, mas sublima-se na forma de uma linguagem sofisticada[...].

Por isso, o jornal passa a ser um âmbito de maior acesso a livros dos leitores e/ou consumidores, ainda mais com o surgimento do romantismo, período que resultou em fundamentais transformações no público literário, e passou a ser, o jornal, um dos órgãos mais importantes, privilegiando o contato do público com a literatura.

No que se refere ao Brasil, grande parte dos escritores nacionais transitaram pela imprensa, fazendo trabalhos como cronistas, críticos, caricaturistas, como é o caso de Machado de Assis e Clarice Lispector, e que influenciaram no diálogo estabelecido entre a literatura e o jornal no século XX.

A crítica referente ao objeto de estudo aqui apresentado refere-se à crítica literária de jornal, porém, essas publicações entre os anos 20 e 80 do século XX representam críticas mais próximas das críticas acadêmicas², atributo que foi se perdendo no decorrer do tempo, quando o jornalismo passou a criar suas particulares regras, evoluindo como profissão, como afirma a jornalista e escritora Cláudia Nina (2007, p. 19-20):

A imprensa no início do século XIX foi toda marcada pela atuação de escritores que, naturalmente, aproximavam a linguagem do livro à linguagem do jornal. Literatura e jornalismo se confundiam tanto que, basta lembrar, várias obras clássicas nasceram nos jornais, na forma de folhetins, como foi o caso da produção de José de Alencar e do próprio Machado de Assis. [...] As primeiras críticas literárias publicadas na imprensa distanciavam-se dos textos jornalísticos produzidos a partir do momento em que o jornalismo criou as próprias regras, os códigos e se estabeleceu como profissão.

Dentre essas particularidades, o jornal *Diário de Pernambuco* inicia a sua relação com a literatura no dia 1 de fevereiro de 1827, dois anos após a sua fundação, com a proposta de utilizar a literatura como um dos aparatos para justificar a sua liberdade de imprensa. Foi em 1920 que o periódico pernambucano começou a citar o poeta Joaquim Cardozo em suas publicações, o que consecutivamente tornou-se mais recorrente na década de 40 com os principais articulistas do periódico voltados para a lírica de Cardozo: César Leal, Tadeu Rocha, Walmyr Maranhão, Urariano Mota entre outros. Além deles, o *Diário* contou com contribuições de leitores de Cardozo de peso, como Jorge de Lima, Virgínius da Gama e Melo, Ariano Suassuna, Marcus Accioly, etc.

² Segundo Acízelo (2011), em “Crítica literária: seu percurso e seu papel na atualidade”, a crítica denominada de “acadêmica” determina o conceito literário a partir dos procedimentos e princípios da análise de produções literárias a julgar e aferir suas qualidades a partir de diferentes critérios. No século XX, a crítica literária acadêmica transferiu seu sistema de conceitos acerca da literatura para uma nova disciplina, a “teoria da literatura”, com novos métodos, propósitos e conceitos.

Aquele que posteriormente viria a ser um renomado jornal que se destaca pelos seus 195 anos de registro da história pernambucana, o que lhe torna o mais antigo periódico em circulação do Brasil e da América Latina, iniciou suas atividades como uma simples folha de anúncios com objetivas quatro páginas que anunciavam vendas, roubos, negócios, chegadas e partidas no porto localizado em Recife, como é apresentada na introdução do jornal em sua primeira publicação (*Diário de Pernambuco*, 1825, *apud* NASCIMENTO, 1968, p. 21-22):

Faltando nesta cidade assaz populosa um Diário de Anúncios, por meio do qual se facilitassem as transações, e se comunicassem ao público notícias, que a cada um em particular podem interessar, o administrador da Tipografia de Miranda & Companhia (3) se propôs a publicar todos os dias da semana, exceto aos domingos somente, o presente Diário, no qual, debaixo dos títulos de Compras — Vendas — Leilões — Aluguéis — Arrendamentos — Aforamentos — Roubos — Perdas — Achados — Fugidas e Apreensões de escravos — Viagens -- Afretamentos -- Amas de leite, etc., tudo quanto disser respeito a tais artigos; para o que tem convidado a todas as pessoas, que houverem de fazer estes ou outros quaisquer anúncios a os levarem a mesma Tipografia, que lhes serão impressos grátis, devendo ir assinados. Também se publicam todos os dias as entradas e saídas das embarcações do dia antecedente, portos de onde vieram, dias de viagem, passageiros, cargas e notícias que trouxeram. Além disto, todas as semanas se darão os preços correntes dos gêneros de importação e exportação, com um atestado de dois negociantes desta praça.

Pode-se perceber que o *Diário de Pernambuco* comunicou importantes fases do Estado, atuando como veículo de informação quando a capital da província do estado de Pernambuco ainda era Olinda, e o Brasil era governado pela monarquia, ou seja, antes mesmo da abolição da escravatura, onde divulgou, inclusive, as fugas dos escravizados. Passando por diversos posicionamentos políticos, o *Diário de Pernambuco* se manteve firme desde o início da sua fundação, percorrendo por incontáveis intervenções acerca da liberdade de imprensa, acarretando situações de ameaças direcionadas ao proprietário do jornal. À vista de muitas denúncias e até mesmo julgamento ao redator do *Diário de Pernambuco*, em 1829, o periódico precisou mudar o seu formato, aumentando o seu molde, acrescentando entre as matérias de rotina, atos oficiais, preços referentes a importações e estatísticas comerciais de grandes negócios, e foi diminuindo cada vez mais as divulgações dos pequenos anúncios, seu foco inicialmente.

Entre as consideráveis relevâncias das publicações periódicas, além das notícias costumeiras apresentadas, pode-se destacar a importante exibição de cultura e conhecimento diversificado direcionados aos leitores de livros, que atualmente perderam o espaço no jornal, se comparado ao início do século XX. Esta situação é nomeada pelo ensaísta Silviano Santiago (1993, p. 12) de “desliteraturização” do jornal, e que também é comentado pela

jornalista Isabel Travancas, em *O livro no jornal*, acerca da priorização ocorrida nos jornais pela informatividade de notícias corriqueiras, escasseando a crítica jornalística literária:

[...] o jornal se tornou menos opinativo e mais informativo, gerando um empobrecimento do lugar na literatura; [...] não é mais como antigamente quando a literatura fazia parte dos jornais, sendo a *pièce de résistance* de alguns veículos. A linguagem dos primórdios do jornalismo também foi bastante influenciada pela literatura até ir se afastando dela, se definindo melhor e se diferenciando, passando a apresentar um estilo mais objetivo, mais conciso e mais claro. (TRAVANCAS, 2001, p. 43).

Do mesmo modo, o *Diário de Pernambuco* destacou em suas páginas as manifestações artístico-culturais diversificadas existentes na região, seja no âmbito musical, arquitetônico, esportivo, festivo e literário. Em ênfase, o espaço utilizado no periódico pernambucano para a exposição a respeito de discussões literárias, variam - nos anos de 1940 a 1980 - de acordo com a proposta da edição, podendo estar presente tanto nos rodapés quanto em destaque na primeira página do periódico.

É importante para este presente trabalho discutir e divulgar a relevância das publicações feitas em periódicos, mais especificamente no *Diário de Pernambuco*, em busca da preservação das histórias contadas nas páginas deste jornal, objetivando um trabalho para a posteridade, como afirma o jornalista e pesquisador Antônio do Nascimento, no prefácio de sua obra *História da Imprensa de Pernambuco v.1* (1968, p. 9):

Trabalhar para a posteridade — eis a questão. Trabalhar hoje para que se conheça amanhã o que se publicou ontem. E trabalhar com apuro, com dedicação e honestidade, sem passar por cima do principal, sem claudicar na informação colhida, a fim de não deixar em dúvida o leitor de vinte, trinta, cinquenta, cem anos adiante, quando de milhares de jornais, de milhares de revistas só restarão papéis moídos e amarelados.

Visando trabalhar para a posteridade, preservando importantes conteúdos publicados pelo jornal mais antigo do Brasil e da América Latina, assim como estudos acerca de Joaquim Cardozo, serão apresentadas as problemáticas que envolvem o nome de Joaquim Cardozo no *Diário de Pernambuco* e a frequência com que isso ocorre. Como já dito anteriormente, além de ser um jornal de relevância nacional, o periódico pernambucano também tem valor sentimental e profissional para o estudo sobre Joaquim Cardozo.

À vista disso, para a elaboração desta pesquisa, investigou-se o acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional do Brasil os documentos de crítica literária publicados no jornal *Diário de Pernambuco* entre os anos 40 a 84, buscando analisar como as publicações do periódico podem aclarar algumas discussões que envolvem seus textos críticos sobre a lírica de Joaquim Cardozo.

Com base nesta proposta, o presente trabalho levanta as seguintes problemáticas: quais as principais questões apresentadas pela crítica literária publicada no *Diário de Pernambuco* em relação à lírica cardoziana e quais referências são utilizadas para embasamento crítico na imprensa? Diante da relevância da crítica literária sobre a lírica de Joaquim Cardozo publicada no periódico *Diário de Pernambuco*, o que nos permitirá entender como o leitor pernambucano que lhe era contemporâneo recebeu sua poesia, projetou-se inicialmente que a reflexão proposta neste trabalho se desdobra em dois momentos, sendo eles essenciais para compreendermos a obra e a crítica poética do pernambucano: 1. A relação do poeta pernambucano com a sua região; 2. a “geografia humana”, expressão que aponta para as reflexões sobre as problemáticas humanas universais.

A partir da proposta, a princípio será apresentado no primeiro capítulo um breve percurso biográfico de Joaquim Cardozo em seu tempo e em seguida as nuances presentes na lírica do autor com base em seus destaques poéticos; no segundo capítulo serão apresentadas questões acerca de Joaquim Cardozo no *Diário de Pernambuco* e os desdobramento dos dados coletados; no terceiro capítulo serão discutidos os dados coletados no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional do Brasil a partir da temática regionalista e a “geografia humana”.

Cabe ainda registrar que a concepção desse projeto teve origem por ocasião de um projeto de pesquisa PIBIC³ intitulado de “O acervo de Joaquim Cardozo: contribuições para a releitura de sua obra poética”, orientado pela professora Dra. Elaine Cristina Cintra. Este projeto visava revisitar os problemas críticos da poesia de Joaquim Cardozo, a partir da pesquisa dos documentos que se encontram no acervo “Fundo documental Joaquim Cardozo”, na Biblioteca Central da Universidade Federal de Pernambuco, onde se situam os arquivos e a biblioteca do autor, além da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional do Brasil⁴.

³ Iniciação Científica - Edital 02/2019/PROPESQ 2019/2020, bolsa UFPB.

⁴Segue o *link* de acesso da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional do Brasil: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

CAPÍTULO 1: JOAQUIM CARDOZO EM SEU TEMPO

“Pablo Neruda se considerava o mais abandonado dos poetas. Que dizer de Cardozo que foi o mais só e o menos desesperado?”

(Marcus Accioly)

1.1 Vida e obra do poeta engenheiro

Joaquim Maria Moreira Cardozo nasceu no fim do século XIX na cidade de Recife, filho de um guarda-livros de baixa renda e de Elvira Moreira Cardozo, teve a quantidade expressiva de doze irmãos. Desde criança, Joaquim Cardozo transmitia sua personalidade sensível e tímida admirando as coisas do mundo que por momentos pareciam ser inefáveis, como o que ocorreu quando o poeta tinha 12 anos com a passagem do cometa Halley, fato biográfico que irá incidir em poemas como “Prelúdio e elegia de uma despedida” (1952) e “Visão do Último Trem Subindo ao Céu” (1970). De fato, Emil Staiger informa em *Conceitos fundamentais da poética* que é comum autores líricos utilizarem as suas recordações como material para suas produções líricas: “O passado como objeto de narração pertence à memória. O passado como tema do lírico é um tesouro de recordação.” (STAIGER, 1975, p. 55).

Assim como ocorreu com a sua lembrança de infância referente ao cometa Halley, as manifestações populares também se destacaram em suas memórias e inspiraram Cardozo em suas produções, podendo ser citado o bumba-meu-boi, no qual o poeta engenheiro admirava e se encantava com a dança do folclore popular brasileiro, como afirma Maria da Paz Ribeiro Dantas (1985, p.12): “Certo dia, falando de seu encontro cultural com o oriente, declarou que as danças fascinavam-no mais do que a própria poesia, que lia e traduzia com perfeição”.

De fato, as danças de forma geral fascinavam Joaquim Cardozo, que admirava a linguagem através dos gestos, tendo se tornado reconhecido como um escritor que utilizava dessas representações ao se debruçar sobre suas obras literárias. A propósito disso, produziu algumas das suas peças teatrais como *Coronel de Macambira* (1963) e *De uma noite de festa* (1971), as quais ganharam destaque exprimindo as lembranças das vivências saboreadas pelo poeta durante sua infância no sítio do Zumbi, na cidade de Recife, onde, em seus momentos de distração, assistia às apresentações do bumba-meu-boi e às manifestações populares que eram evidenciadas na época.

Desta forma, a história, a personalidade, os trabalhos e as suas produções literárias são resultado da sua formação e experiência desde criança, em que observava com olhos atentos

tudo a sua volta de maneira sensível e delicada, como aponta o poeta, jornalista e também pernambucano Audálio Alves (1972, *apud* DANTAS, 1985, p.19):

Cardozo teve um comportamento como homem que nunca escondeu a face da criança tímida e do adolescente interessado na busca do essencial humano. Daí uma extrema ternura no tratamento com as pessoas com quem ele conseguiu tratar ou que conseguiram entrar em efetivo contato com a pessoa dele. Mas, não obstante a delicadeza de comportamento, havia nele a tremenda capacidade de revolta, quando então o sim ou o não eram examinados meticulosamente em sua significação.

Mesmo com todas as lembranças e fantasias existentes quando jovem, e que permaneceram no decorrer de sua vida, o poeta pernambucano teve grandes responsabilidades profissionais, iniciando, como apontado acima, suas atividades como caricaturista no *Diário de Pernambuco* em 1914. Entre muitas interrupções em sua formação, – Joaquim Cardozo teve dificuldades em concluir o curso de engenharia na Escola de Engenharia de Recife por questões econômicas, o engenheiro poeta também trabalhou como topógrafo para suprir suas necessidades.

Nessa função, Joaquim Cardozo participou do levantamento de bairros localizados na região metropolitana de Recife, o que inclui o bairro de Tejipió em que, um ano após a sua morte, em 1979, teve o seu nome lembrado pelo prefeito Antônio Farias para ser homenageado com a denominação de uma escola recém-construída.

O trabalho topográfico de Joaquim Cardozo lhe rendeu muitas experiências as quais foram poeticamente expressas em suas obras, retratando locais que incluem a sua passagem pelo litoral da Paraíba, que foi registrada em sua produção em todos os gêneros. Mesmo em locais de difícil acesso, é perceptível a sensibilidade de Cardozo ao observar os aspectos que lhe rondam, como afirma Maria da Paz Ribeiro Dantas (1985, p.13): “Atolado de lama no mangue, nem por isso perdia de vista os aspectos pitorescos do ambiente, as pessoas, os tipos que mais tarde povoariam as páginas de seus livros, impregnados de vida e de paisagem da terra”. À vista desta perspectiva, Cardozo comenta sobre a importância da sua experiência como topógrafo pelo país:

Para mim esse trabalho foi um verdadeiro encantamento pois vi, de perto, camassaris de 40 metros de altura, angelins, sapucaias, deixando, de vez em quando, cair dos seus pixídios – opérculo aberto – as sementes sobre a mataria mais baixa que lhe encobria o tronco; [...] infelizmente, nos dias de hoje, toda essa mata, onde trabalhei visitando um país, uma região, uma pátria, está destruída sem que se reservasse pelo menos uma arte dela, para um parque, como se fez, aqui no Rio, com o Alto da Boa Vista. (CARDOZO *apud* BARROS, 1972, p. 137).

Mesmo ainda jovem, Cardozo destaca-se com seu estilo de conservar fiéis imagens da paisagem pernambucana em seus textos, além de sua experiência em preservar e renovar a

sua poesia com uma perspectiva discreta e com “alma nordestinada”, como é denominada por ninguém mais que Drummond (1947).

Cardozo, com efeito, via o nordeste de modo incomum, no qual cada detalhe despertava-lhe sensações, seja nos coqueiros doidos presentes no poema “Recordações de Tramataia”, aos braços de ferro em “Autômatos”, tudo transformava-se em poesia nas mãos de Joaquim Cardozo, segundo a crítica de Virginius da Gama e Melo⁵ publicada no *Diário de Pernambuco* em 16 de agosto de 1972:

Aquele estranho, inusitado sentimento poético que transparecia dos novos termos astronáuticos, isto é a fascinação das palavras, dos sons raros e das combinações originais, tudo isso acompanha a Joaquim Cardozo, desde os tempos de Tramataia, na baía de Mamanguape, na Paraíba. [...] Todo este Nordeste vai no canto de Joaquim Cardozo, a paisagem, o povo, a linguagem, os nomes esquisitos sendo fontes de poesia. Da mesma maneira que o povo sofrido, nos seus costumes, nos seus folguedos – o poeta guardando tudo e expressando para os outros com a certeza e a grandeza da origem. (MELO, 1972, p. 4).

De fato, o “sentimento poético” acompanhava Joaquim Cardozo entre as várias experiências regionais e profissionais adquiridas em seu dia a dia, e, entre um trabalho e outro, o poeta pernambucano, em seu tempo livre, costumava compartilhar informações ao frequentar o Café Continental, botequim localizado no bairro de São José no centro de Recife, especificamente na rua Imperial, onde reuniam-se jornalistas, poetas, escritores, artistas plásticos e curiosos para conversar sobre diversos assuntos que surgiam. O Café Continental foi cenário para a formação de um grupo que ficou conhecido como “Cenáculo da Lafaiete”, formado por artistas, intelectuais e até alguns políticos de Recife. As reuniões tinham como objetivo discutir e comentar sobre as grandes repercussões nacionais e internacionais, assim como debater sobre os novos livros antes mesmo de os jornais e/ou as revistas referenciar. O ajuntamento do Cenáculo da Lafaiete foi por muito tempo um importante encontro de profissionais, amadores e amantes da literatura no país, como aponta Elaine Cintra (2017, p. 199):

Os encontros desse grupo que lia vorazmente e discutia ideias artísticas e culturais diversas e até mesmo conflitantes, se davam na esquina do Café Continental, na esquina da Fábrica Lafaiete, o que levou ao nome do grupo. Frequentavam este círculo, além de Cardozo, entre outros, Benedito Monteiro, Ascenso Ferreira, Osório Borba, Sousa Barros, Cícero Dias, Vicente do Rego Monteiro, José Maria de Albuquerque e Melo, ocasionalmente Gilberto Freyre.

⁵ Virginius da Gama e Melo, paraibano, membro da Academia Paraibana e Patrono da Cadeira nº 27 da Academia de Letras de Campina Grande, estudioso literário que se dedicou à crítica periodista em inúmeros jornais do país, principalmente na Paraíba e em Pernambuco.

A relevância das atividades culturais do Cenáculo da Lafaiete é de grande significação para a história da literatura pernambucana do século XX, pois foi um grupo decisivo para a consolidação do movimento regionalista de Recife, liderado por Gilberto Freyre. Este movimento cultural em Recife foi formado independentemente do grupo que envolve Mário de Andrade em São Paulo com a Semana de Arte Moderna em 1922, pois tinha um impulso diferente do movimento paulistano, com um foco maior em Recife e preocupações com a preservação dos elementos típicos da região, como a comida, o carnaval, seu caráter tradicionalista e de expressões próprias.

À vista disso, é importante destacar o registro da crítica e historiografia literária desse movimento, diga-se de passagem bastante impreciso acerca da polarização dos movimentos nos anos 20, pois o principal divulgador dessa nova propositura, Gilberto Freyre, pressupunha a valorização da tradição cultural da região, colaborando com a renovação do regionalismo a partir de um caráter mais científico, e que foi tido como passadista e com uma suposta tentativa de conservar estruturas patriarcais-latifundiárias da sociedade. Por outro lado, nessa mesma época, divulgava-se na região um “movimento modernista” por Joaquim Inojosa, totalmente pautado no modernismo paulista, como consta na tentativa do autor de reunir documentos como registro da história do modernismo no nordeste brasileiro, intitulado *O Movimento modernista em Pernambuco* (1968-1969). Essa problemática sobre a relação com o movimento em São Paulo e Recife é comentada pelo escritor e pintor Luís Jardim (*apud* BARROS, 1972, p. 161):

Nenhum de nós jamais tomou conhecimento do movimento modernista de São Paulo, que Mário de Andrade incumbiu Joaquim Inojosa de difundir e implantar em Pernambuco. Apreciávamos o grande Mário, mais movimento por correspondências, ler o jornal ou revistas que se dizia modernista nunca.

Diante desse impasse, é possível considerar o movimento regionalista de Gilberto Freyre como precursor das ideologias diversificadas a fim de acalorar o momento cultural em Recife mesmo sendo tardia a sua publicação. Por seu lado, Cardozo se fez presente neste grupo de forma tímida e invulgar, pois preferia fugir dos holofotes e das problemáticas existentes, mesmo tendo em vista a sua importante participação em colaborar com o movimento. Esta tentativa de escapatória à exposição interferiu, inclusive, na divulgação de suas obras literárias, pois, foi necessária muita insistência da parte dos amigos de Cardozo

para que os seus textos fossem publicados, como é afirmado por Antônio Rangel Bandeira⁶ no *Diário de Pernambuco* (1973, p.4):

Todos tinham por ele uma admiração confessada e um respeito imenso. E o curioso é que ele não havia ainda publicado nenhum livro, o que só viria a fazer muitos anos depois, quando passou a morar no Rio de Janeiro. Dizia-se, o que era verdade, que ele escrevia os poemas na “cabeça” e só os passava para o papel por insistência dos amigos. Cópias de seus poemas passavam de mão em mão. E era sempre com a sensação de quem participava de algo muito particular e de muito secreto, que maravilhados líamos os seus poemas. E não somente líamos, como os lemos ainda hoje, cheios de força lírica e da transfiguradora visão dos ventos e das chuvas, dos ricos e das velhas igrejas.

Tal afirmação pode comprovar que antes mesmo de qualquer publicação de seus poemas, aqueles que tinham acesso já observavam a peculiaridade existente nas produções literárias de Joaquim Cardozo, e que sua timidez e modéstia resultaram na escassez de estudos que se aprofundam em sua arte com as palavras.

Mesmo com toda intensidade do movimento literário regionalista pregado por Gilberto Freyre na década de 20 e 30 no estado de Pernambuco, a partir da década de 40 Joaquim Cardozo já não se fazia mais presente fisicamente, pois encontrava-se no Rio de Janeiro por um ato de justiça do governo, após o engenheiro poeta fazer um discurso de paraninfo da turma de engenheiros da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde acabou discursando de forma insolente, pelo ponto de vista das autoridades políticas locais, e que não agradou o interventor Agamenon Magalhães. A demissão e saída de Cardozo de Recife também foi fruto de notícia no *Diário de Pernambuco* (23/04/1946): “Um dia o governo passado entendeu também demitir do seu cargo a outro pernambucano ilustre, o engenheiro, poeta e desenhista Joaquim Cardozo” (1946, p. 4). À vista desta publicação pode-se notar a posição política definida do jornal contra o interventor do estado, sendo esta uma atitude costumeira do periódico pernambucano desde a época do Brasil Império. No Rio de Janeiro, Cardozo continuou sendo uma figura importante acerca dos momentos culturais e sua materialização, marcando seu nome, a partir desta época, no cenário nacional.

Após a sua saída de Recife, Joaquim Cardozo felizmente permaneceu leal às suas afetividades e raízes culturais pernambucanas, fazendo visitas aos seus amigos que permaneceram no estado. Por outro lado, foi no Rio de Janeiro, onde passou a viver e permaneceu até 1971, que Cardozo conheceu Oscar Niemeyer, com quem fez parceria em inúmeros projetos de engenharia e arquitetura, o que inclui a construção de Brasília. A

⁶ Antônio Rangel Bandeira, formado em direito, escritor pernambucano que produziu poemas, crônicas, ensaios, também publicou em periódicos e fez parte da organização de diferentes prêmios nacionais, como o 4º Prêmio da Associação Paulista de Críticos Teatrais (APCT).

relação de Joaquim Cardozo com pessoas influentes e engenheiros renomados corroborou com a sua notável carreira como calculista, fazendo-o um admirador das formas plásticas modernas da arquitetura.

É com base na qualidade e admiração do seu trabalho como engenheiro que Joaquim Cardozo foi defendido pelos melhores especialistas da área em relação ao ocorrido na Gameleira, em 1971, que posteriormente será comentado neste presente trabalho. Neste mesmo ano, Joaquim Cardozo voltou a morar em Pernambuco, como foi noticiado no *Diário de Pernambuco* no dia 18 de novembro de 1971: “O poeta Joaquim Cardozo, que, recentemente, demonstrou desejo de passar seus últimos dias de vida em Recife, já tem um local certo para isto.”.

Cardozo teve destaque nacional na engenharia ao trabalhar com Niemeyer, mas na literatura tornou-se reconhecido ao ser incluído por Manuel Bandeira na *Antologia de poetas bissextos* em 1946. Um ano após, publicou o seu primeiro livro *Poemas*, seguido posteriormente de *Prelúdio e Elegia de Uma Despedida* (1952), *Signo Estrelado* (1960), *Trivium* (1964), *Mundos Paralelos* (1970), *O interior da matéria* (1975), *Um livro aceso e nove canções sombrias* (1981), entre outras produções de teatro. Mas foi em 1971 que suas produções líricas foram reunidas pela primeira vez em *Poesias Completas*, publicado pela editora Civilização Brasileira, livro organizado por Fernando Py sob a mediação do poeta. Só então, um público maior pode ter acesso à obra do autor, que ainda permanecia bastante restrita a certos círculos literários. Isto se confirmaria com a publicação em 2007 da edição *Poesia completa e prosa* da Editora Nova Aguilar⁷, elevando o autor a um panteão de autores escolhidos e tidos como fundamentais.

Joaquim Cardozo, em sua vida discreta e calma, conseguiu ser admirável tanto no âmbito literário quanto nos cálculos, sendo, literalmente, o poeta engenheiro. Diante disso, Cardozo foi homenageado em ambas as áreas que atuou, sendo paraninfo da turma de arquitetos de Recife e da Escola Politécnica de Recife; foi homenageado sendo indicado a poeta na Academia Pernambucana de Letras, entretanto, mesmo sendo eleito por unanimidade e já preparado para a posse, não foi possível usufruir de tal homenagem por motivos de saúde, como é noticiado no *Diário de Pernambuco* no dia 8 de novembro de 1977:

⁷ É relevante comentar sobre as modificações existentes nas sucessivas reedições publicadas nos livros *Poemas* (1947), *Poesias Completas* (1971), publicado pela Editora Civilização Brasileira, e *Poesia completa e prosa* (2007) da Editora Nova Aguilar. Essa discussão é levantada por Éverton Correia e Vinicius Ramos em “Levantamento textual para edição crítica do livro *Poemas* de Joaquim Cardozo”.

Difícilmente, Joaquim Cardozo tomará posse na Academia Pernambucana de Letras, para a qual foi eleito, por unanimidade, há mais de um ano. O poeta, que completou recentemente 80 anos, estava aqui no Recife, já tendo terminado o discurso de posse. Faltava apenas acertar a data com o presidente Mauro Mota. Depois, ficou doente e foi levado, pelo seu maior amigo, Sérgio Bernardes, para o Rio de Janeiro, onde se encontra num hospital, em temporada de recuperação. Joaquim Cardozo tem horror a avião e como são difíceis navios para nossa cidade, ele já disse que muito dificilmente retornará à nossa capital, preferindo, depois de completamente recuperado, continuar morando no Rio. Não sei se os estatutos da nossa Academia permitem que ele tome posse, pelo menos simbolicamente, fora do Recife.

Em 1978, alguns anos após a sua chegada, Cardozo veio a falecer na cidade de Olinda em uma clínica de repouso aos 81 anos, sem filhos e solteiro.

Pode-se concluir que, desde 1978, o engenheiro poeta deixa saudades no campo literário e da engenharia, com a sua personalidade fluida, amiga, mergulhado na simplicidade, e que até em momentos como crítico, Joaquim Cardozo dificilmente era áspero. Por isso, com exceção do episódio na Gameleira, Cardozo manteve-se discreto em sua vida, como afirma Ariano Suassuna em uma publicação após a sua morte no *Diário de Pernambuco* (1978, p. A-11):

Como um Gandhi não-político nem profeta, sem martírio, mas com nobre estilo em sua vida, em sua poesia e em sua dignidade, manteve sua grandeza até o fim, com toques de gênio na sua pobreza, na sua quase-santidade. Por isso, sua velhice foi tão bela, e sua vida foi para nós, brasileiros, um exemplo e uma parábola.

1.2 As várias nuances de sua poesia

Várias e diversificadas foram as leituras críticas a respeito do que constitui a poesia lírica desse autor. De temperamento evasivo, muito tardiamente o poeta se tornou reconhecido nacionalmente pela sua obra literária, como dito acima. De fato, Joaquim Cardozo se envolvia de modo particular com as pessoas ao seu redor, com sua personalidade que se adequava às situações, em que ora era sociável, companheiro, e ora era introvertido e solitário; ambas as facetas do poeta agradavam tanto no meio poético, quanto na racionalidade dos cálculos. À vista disso, quando se afirma que Cardozo era invulgar, pode-se destacar a sua relação com as letras e os números que dominava como ninguém. O poeta engenheiro conseguiu em sua vida tranquila e discreta ser relevante no âmbito literário, com suas importantes obras que engrandeciam a regionalidade e as inquietações humanas; assim como dominou a arte dos números, que também é de grande importância e admiração.

Com efeito, uma das facetas de sua lírica que mais chama a atenção é a justaposição da poesia com o cálculo. Não é possível para muitos conseguir correlacionar essas duas artes, o raciocínio matemático e a sensibilidade artística, e Joaquim Cardozo conseguia fazer

magistralmente ambas, como lembra Samuel Rawet (*apud* DANTAS, 1985, pp. 19-20): “Cardozo ia falar sobre assuntos técnicos e terminava em poesia. Técnico e poesia se interligavam”. O seu trabalho como poeta era utilizado como um meio de fuga da racionalidade vivida no cotidiano, como é publicado no *Diário de Pernambuco*, “Poeta e matemático, quem entende?” (1971, p. 12):

Até hoje ninguém entende como ele pôde conciliar em ser um dos maiores calculistas de matemática do país e ser também poeta. Uma das coisas importantes da vida de Joaquim Cardozo é que nunca se preocupou com dinheiro, e poesia para ele sempre foi um meio de fugir da racionalidade da vida pragmática. Pelo menos era o que dizia quando vinha ao Recife e se reunia com os seus velhos amigos [...].

O trabalho de Cardozo com os cálculos já era bastante reconhecido e, como calculista, o autor planejou diversos projetos importantes no país, podendo-se incluir Brasília, que até hoje é fruto de admiração. Entretanto, um desabamento no Parque da Gameleira em Minas Gerais, em 1971, mudou completamente a vida de Joaquim Cardozo e marcou seu histórico profissional como engenheiro, pois, mesmo sendo defendido por renomados profissionais da área de que os seus cálculos estavam certos, Joaquim Cardozo foi submetido a três julgamentos, chegando à instância do Supremo Tribunal Federal. Esse acontecimento determinou a vida do poeta pernambucano negativamente, trazendo-lhe angústia até os seus últimos dias de vida.

Isto é, antes mesmo de se tornar um reconhecido poeta, Joaquim Cardozo já era famoso pelo seu trabalho como calculista. O resultado disto é que o poeta publicou o seu primeiro livro aos 50 anos, como dito, mesmo que já tivesse publicado anteriormente em jornais e revistas, Joaquim Cardozo preferiu, por muito tempo, utilizar a expressão através da poesia como plano secundário. Diferentes emoções e representações são expressas através da poesia cardoziana, como Houaiss (1979), um de seus mais argutos leitores, afirma, é através do amor que o pernambucano trata os seus temas de forma saudosista e/ou passadista que tem tanta representatividade em seus poemas, de modo que exalta as belas e as boas memórias vivenciadas adubando a fluidez do presente. Seja o amor tratando-se da mulher, da amizade, do homem, das paisagens, da vida, ou até mesmo do amor da morte, visto que Joaquim Cardozo consegue integrar de forma natural e essencial este ciclo.

O seu contato com obras literárias desde jovem colaborou para uma amplitude de temáticas e conceitos abordados através da lírica, assim como a profissão do seu pai de guarda-livros estimulou um maior apreço literário e o influenciou em atitudes como adquirir revistas (*Les Annales*, *Der Querschnitt* e outras) e levá-las para mostrar nas rodas de conversas com os amigos, segundo Dantas (1985, p. 17). Essa troca de informações em rodas

de conversas era apreciada através das leituras dos periódicos e livros vindos da Europa e da América do Norte antes mesmo da Semana de 22, comprovando assim, a independência dos posicionamentos vanguardistas utilizados em seus poemas do movimento modernista paulista. Como afirma Elaine Cintra (2017, p. 194):

O curto registro do contato direto com as manifestações modernistas no sudeste não esclarece o quanto e como Cardozo recebeu as influências desse movimento em sua obra. É certo que ele mantinha a leitura direta de periódicos e livros que chegavam a Recife direto da Europa, e que, nesta cidade, essas novidades já vinham sendo apreciadas pelos pernambucanos bem antes de 1922, pela interlocução bastante assídua de intelectuais e artistas com seus pares fora do país. Mais certo ainda é que, ao publicar o poema “As alvarengas”, em 1924, na *Revista do Norte*, ele já apresenta uma assimilação madura das inovações modernistas.

A partir disso, é perceptível a influência das suas fontes populares e regionais que marcaram e elevaram as obras cardozianas com base nas suas experiências inicialmente vividas quando jovem e que foram se desenvolvendo no decorrer dos anos. Nesse sentido, Carlos Drummond de Andrade, no prefácio do primeiro livro do autor, *Poemas*, em 1947, apresenta como uma das temáticas trabalhadas por Cardozo, a “província” e suas particularidades acerca da realidade humana.

As imagens criadas por meio de palavras são compreendidas pelo poeta do Capibaribe como uma poesia que envolve a realidade humana de maneira mais ampla, mesmo que, em uma boa parte dos poemas cardozianos, trata-se de temáticas provincianas. Isto é, quanto à regionalidade poética de Cardozo, Drummond aponta Recife como uma “província” reiterando a ideia hoje tão contestável de centro-periferia, entretanto, Recife na década de 40 estava à frente de outras localidades acerca das tendências modernas na literatura e arquitetura:

Outro argumento utilizado por Cardozo que reforça a ideia da independência do movimento moderno no nordeste em relação a São Paulo, diz respeito à arquitetura, que no nordeste antecipou em todo o Brasil as tendências modernas, seguindo a linha de *Le Corbusier*, Mies van der Rohe, e outros, através da Escola de Engenharia, como influência de outras escolas livres (não oficializadas). Dentro deste âmbito, Cardozo comenta a instalação da Diretoria de Arquitetura e Urbanismo, a D.A.U [...] Cardozo traz um dado pessoal à história da fundação da DAU, quando, ao propor que o Nordeste, no que se refere à arquitetura, antecipou São Paulo na estética moderna, relata que o próprio Luiz Nunes, fundador da DAU, teria mantido contato com ele, solicitando indicações de arquitetos e desenhistas de vocação moderna, o que teria ocasionado a fundação desta instituição. [...] Torna-se claro, então, no testemunho do Cardozo, a posição não só de independência do Modernismo no Nordeste, mas também diversificada e ampla, além de difusora de perspectivas que seriam adotadas mais tarde no sudeste. (CINTRA, 2017, p. 197-198).

De fato, mesmo a região do nordeste não estando no espaço central dos movimentos que se destacaram na época, a zona local antecipou tendências modernas independentemente. Por isso, é importante citar que, de acordo com Drummond, Joaquim Cardozo é um poeta que trabalha com temáticas regionais, entretanto, nesse mesmo prefácio, o poeta mineiro atenta para as questões universais humanas produzidas por Joaquim Cardozo, registrando o quão variada é a expressão poética do pernambucano. À vista disso, Cardozo é apresentado por Drummond como um poeta de escrita panorâmica, preciosa, abstrata, com visão pura e de alto poder plástico (DRUMMOND, 1947, p. 8); considerado um verdadeiro poeta de criações por meio de palavras.

Por sua vez, o crítico César Leal⁸ também comenta sobre a escrita de Joaquim Cardozo no *Diário de Pernambuco* em 25 de fevereiro de 1960, no qual destaca-o como único poeta brasileiro contemporâneo que consegue captar a lírica em meio às coisas do mundo: “Nenhum poeta brasileiro contemporâneo soube captar com tanta intensidade lírica a luz do meio ambiente, quanto Joaquim Cardozo.” (LEAL, 1960, p. 6). O modo como o poeta pernambucano apresenta a sua escrita altamente trabalhada é diversas vezes comentada entre os estudiosos de sua poesia, até porque Cardozo apresenta uma capacidade de conseguir transformar tudo em poesia através da sua escrita, questão citada por Maria da Paz Ribeiro Dantas⁹ (1985, p. 29): “[...] sobretudo na fase mais madura de sua produção poética – representa o registro de uma busca constante de valores universais – como por exemplo a ciência: física, matemática, etc – e sua aplicação à elaboração de uma metalinguagem.[...]”.

Referindo-se ainda ao estilo do poeta descrito por Carlos Drummond de Andrade no prefácio de seu livro *Poemas*, o mesmo descreve o engenheiro poeta como maduro em seu meio artístico, no que vale ressaltar que o poeta pernambucano não era filiado ao movimento modernista, entretanto, Joaquim Cardozo era moderno invulgarmente com uma perspectiva única, como é apontado por João Cabral de Melo Neto: “Cardozo encontrou o verdadeiro estilo moderno no Brasil, sem ser modernista.” (MELO NETO, 2010, p. 65). Diante dessa

⁸ Francisco César Leal (1924-2013) nasceu na cidade de Saboeiro, no Ceará. Jornalista, crítico literário, poeta e professor. Idealizou e fundou o curso de pós-graduação em Letras na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi eleito em 2007 para a cadeira 23 na Academia Pernambucana de Letras. Grande estudioso das produções de Joaquim Cardozo, organizou a antologia *Poemas Selecionados*, fruto de sua pesquisa e admiração ao poeta pernambucano; e também indicou o poeta pernambucano para ser inserido na Academia Pernambucana de Letras.

⁹ Cabe aqui apresentar a importância da paraibana Maria da Paz Ribeiro Dantas em seu estudo cardoziano, que teve repercussão a partir dos anos 70 quando defendeu a sua tese de mestrado “O mito e a ciência na poesia de Joaquim Cardozo” pela Universidade Federal da Paraíba em 1983, e que em 1985 foi editada pela José Olympio. A poetisa e ensaísta também chegou a produzir as seguintes obras acerca do poeta: *Joaquim Cardozo – ensaio biográfico* (1984) e *Joaquim Cardozo – contemporâneo do futuro* (2004). As pesquisas de Dantas tornaram-na uma das maiores leitoras e estudiosas das produções de Joaquim Cardozo.

peculiaridade, Drummond considera-o mais como um “modernista mais ausente do que um participante” (DRUMMOND, 1947, p. 8), destacando-se com seu temperamento em meio à solidão.

Esse caráter múltiplo da poesia cardoziana é reiterado pelo filólogo e crítico literário Antônio Houaiss (1979), que inicia a sua discussão citando uma “injustiça” feita por Manuel Bandeira ao poeta pernambucano, quando o classificou como um dos poetas “bissexto”. Discordando de tal afirmação, Houaiss apresenta a amplitude de substâncias e temáticas com amplas e profundas repercussões de um poeta que deve ser considerado permanente. Joaquim Cardozo é descrito por Houaiss como um poeta discreto, mas com fortes afirmações e convicções delicadas que as tornam mais intensas e inerentes à sua qualidade e personalidade poética.

Diferentemente de Drummond, que apontou uma expressão “pitoresca” presente na temática regionalista de Cardozo, Houaiss discute que, por volta de 1930, vigorou na literatura brasileira os aspectos poéticos regionalistas, a qual Cardozo se alinhou ao evidenciar a paisagem nordestina e pernambucana. Entretanto, em meio a uma grande movimentação artística que tratava desta feição regionalista, Joaquim Cardozo se distinguia entre os demais, uma vez que trata a temática de forma evocativa, ampliando o seu subjetivismo no que está sendo poetizado, destacando a sua experiência poética autêntica e definida; descartando o pitoresco e o exótico a que se referiu Drummond em seu prefácio.

Por outro lado, Houaiss também retoma a outra perspectiva na poesia cardoziana entrevista no prefácio de Drummond, o “espírito”, ao comentar que a poesia de Joaquim Cardozo é de quem participa do drama de viver, tanto psicológico, biológico; um viver malbaratado. Isto posto, Cardozo acreditava na capacidade de ser feliz do indivíduo, mesmo como todas as tramas pobres das relações pessoais humanas; “nos escapa ao espírito a possibilidade de perceber a construção de felicidade que está dentro da própria vida.” (HOUAISS, 1979, p. 191).

Com base nessas informações, e no confronto especialmente do primeiro crítico de Cardozo, o já consagrado poeta Carlos Drummond de Andrade e o crítico Antônio Houaiss, pode-se dizer que este último consegue abordar de modo mais progressivo as temáticas utilizadas por Joaquim Cardozo, compreendendo a sua relevante produção regionalista e as questões pessoais humanas; porém, não se pode negar a contribuição de Carlos Drummond de Andrade ao escrever o prefácio de *Poemas*, que se tornou referência obrigatória nos estudos sobre Cardozo.

CAPÍTULO 2: JOAQUIM CARDOZO NO *DIÁRIO DE PERNAMBUCO*

“Bem que tinha razão o inglês Macaulay: ‘A única história verdadeira de uma nação se encontra nos seus jornais’. A do Recife em 143 anos, está nas coleções do *Diário de Pernambuco*.”

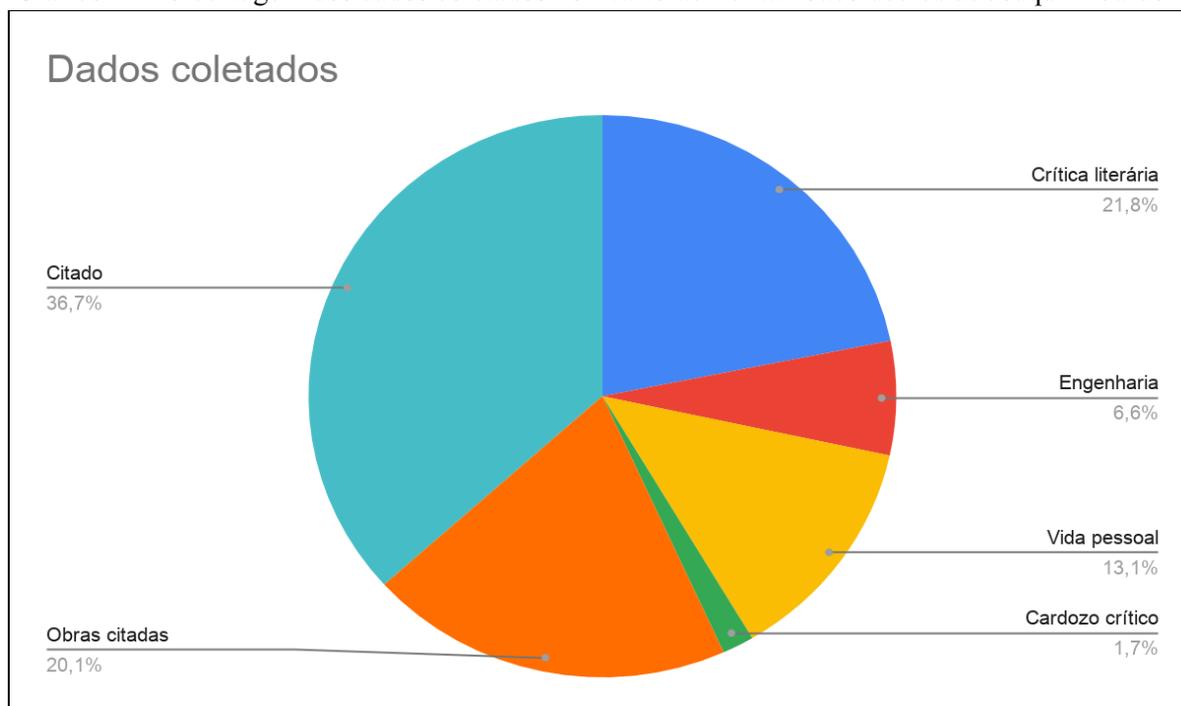
(Mauro Mota)

2.1 A crítica literária sobre Joaquim Cardozo no *Diário de Pernambuco*

Observando as publicações de modo geral, pode-se dizer que Cardozo sempre foi bem apresentado entre as críticas literárias no *Diário de Pernambuco*, mesmo buscando ser o mais discreto possível, preferindo estar longe dos holofotes, como discute o crítico e jornalista Walmyr Maranhão (1953) em seu texto “Notas sobre a poesia de Joaquim Cardoso”, publicado na edição 00284, do dia 13 de dezembro de 1953, neste jornal, no qual justifica as poucas aparições de Joaquim Cardozo na imprensa, tendo em vista que, enquanto grande parte dos escritores lutavam por aparições nas colunas de jornais, “Joaquim Cardoso permaneceu no exílio, como um espectador silencioso, em meio a uma multidão agitada, indiferente aos grupos, a troca de elogios fáceis e graciosos, fiel apenas aos seus princípios e convicções.” (MARANHÃO, 1953, p. 1).

Por isso, de acordo com o objetivo do trabalho, a crítica literária do autor pernambucano Joaquim Cardozo formula um repertório de reflexões interessantes sobre a literatura de sua época, e como tais reflexões são significativas para um entendimento mais incisivo de sua obra poética. A partir disto, no decorrer da coleta dos dados, percebeu-se que o seu nome está presente em 271 publicações no *Diário de Pernambuco* entre os anos de 1940 a 1984. Entre as problemáticas ocorridas no decorrer da coleta dos dados, destaca-se o fato do nome de Joaquim Cardozo apresentar variações entre as publicações, pois, em 1925 o poeta modificou o seu sobrenome, no qual o nome Cardozo em alguns casos é grafado com o “s” e, em outros, com o “z”, principalmente entre os anos de 40 a 60, ocasionando em uma pesquisa mais aprofundada na Hemeroteca.

O número de vezes citado vai de acordo com a proposta do jornal e seus objetivos, sendo que os pontos em que Cardozo é citado com mais evidência estão presentes no seguinte gráfico:

Gráfico 1 - Porcentagem dos dados coletados no *Diário de Pernambuco* acerca de Joaquim Cardozo.

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Como se pode observar no gráfico, constata-se que 30 das publicações (13,1%) trata-se da vida pessoal do poeta, muitas vezes citando características da sua personalidade, como o fato de o autor ser sempre pontual, culto, modestamente simples, como também sobre o seu estilo de vida, esclarecendo a sua relação com amigos e sua cidade natal, além do seu estado de sua saúde, entre idas e vindas de hospitais. Por outro lado, 15 das publicações (6,6%) notificam sobre o seu trabalho como engenheiro, no que inclui suas premiações, homenagens e o trágico acontecimento da Gameleira ocorrido em Minas Gerais.

Sob outra perspectiva, 4 das publicações (1,7%) anunciam conteúdos em que Joaquim Cardozo atuava como crítico literário, porém, a sua execução neste âmbito amplia-se sobre as artes visuais. Por outro lado, Joaquim Cardozo tem cerca de 46 publicações (20,1%) a respeito de suas produções literárias, entre poemas e peças teatrais, sendo nomeadas 19 obras desse total de vezes. É sobre esses textos, olhares críticos sobre sua obra literária, que este trabalho se dedica mais detalhadamente.

Entre os diferentes autores que falam sobre a obra de Cardozo, pode-se destacar como críticos recorrentes no *Diário de Pernambuco*, César Leal e Tadeu Rocha, por produziram constantemente publicações para o periódico com temática literária. Por outro lado, podem ser vistos entre os escritores convidados Urariano Mota, Mauro Mota, Walmyr Maranhão,

Jorge de Lima, Bonifácio de Andrade, Ariano Suassuna, Marcus Accioly, Paulo Mendes Campos, Antônio Magalhães, Maria das Graças Gouvêa, Sidrack de Holanda Cordeiro, Tomaz Seixas, João Vasconcelos, Renard Perez, Virginius da Gama e Melo e Antônio Rangel Bandeira.

2.2 Temas da crítica literária sobre Cardozo

Grande parte dos autores citados eram literários e amigos de Cardozo, o que é um ponto bastante discutido no âmbito crítico, tendo em vista que em muitos casos pode ser questionável o julgar entre amigos e/ou inimigos em críticas literárias, no que aponta Cláudia Nina (2007, p. 21): “A ação entre amigos - e inimigos - era uma constante. Elogiar livros de colegas ou, por outra, destruir a obra dos desafetos mostrava o quão parciais e inexperientes eram os críticos[...]”. À vista disso, a conduta do crítico é muito importante para a relevância do texto, como escreve Machado de Assis (1862) em *O ideal do crítico*:

Outra, entretanto, deve ser a marcha do crítico; longe de resumir em duas linhas, - cujas frases já tipógrafo as tem feitas, - o julgamento de uma obra, cumpre-lhe meditar profundamente sobre ela, procurar-lhe o sentido íntimo, aplicar-lhe as leis poéticas, ver enfim até que ponto a imaginação e a verdade conferenciaram para aquela produção. [...] Crítica é análise - a crítica que não analisa é a mais cômoda, mas não pode pretender ser fecunda. [...] Para que a crítica seja mestra, é preciso que seja imparcial - armada contra a insuficiência dos seus amigos, solícita pelo mérito dos seus adversários [...]. (ASSIS, 1862, p. 798).

Em contrapartida, é possível considerar as críticas direcionadas a Joaquim Cardozo no *Diário de Pernambuco* como críticas fundamentadas, mas que também são elaboradas com base em admiração íntima pelo autor, pois mesmo reconhecendo os aspectos destacados pelos críticos, pode-se duvidar da imparcialidade desses textos acerca das produções líricas de Cardozo.

De forma geral, Cardozo é citado 84 vezes (36,7%) a respeito de inúmeros pontos, tanto no âmbito da engenharia, como contribuinte para diferentes projetos, como no âmbito literário, com suas traduções de obras, sobre a geração de 65, sobre aspectos e mudanças citados sobre Recife, sobre a Academia Pernambucana de Letras, ou o movimento liderado por Gilberto Freyre, entre outros. O engenheiro poeta era sem dúvida referência em ambas as temáticas.

Os julgamentos referentes às suas produções líricas tiveram mais evidência, nacionalmente, como poeta pelos críticos e periódicos - no que incluiu o *Diário de Pernambuco* - após Joaquim Cardozo ser incluído por Manuel Bandeira na *Antologia de Poetas Bissextos* em 1946, quando Cardozo já residia no Rio de Janeiro, no que resultou,

posteriormente, na publicação do seu primeiro livro, *Poemas*, em 1947. Este fato demonstra a forte influência literária da região sudeste no país.

A sua primeira obra instigou Paulo Mendes Campos a apresentar *Poemas* na crítica “Um poeta de bom-gosto”, considerando-a como o pontapé para as futuras aparições de Joaquim Cardozo no *Diário de Pernambuco*:

Hoje, porém, estamos aqui para tratar do primeiro livro de um poeta cujas produções medeiam no espaço de 1925 a 1947. Joaquim Cardozo incluído há pouco tempo por Manuel Bandeira em uma antologia de "bissextos" brasileiros, reuniu agora quarenta e sete poemas em um volume. Essa primeira informação nos esclarece a respeito de uma virtude que distingue Joaquim Cardozo entre nós e que assinala igualmente, em profundidade, uma das constantes fundamentais desse poeta: o espírito de seleção. Muitos poderiam dizer que é uma pena, dada a qualidade poética desse livro, não ter Joaquim Cardozo se engajado definitivamente na poesia, desde suas primeiras criações em versos, e que nos teria proporcionado um poeta mais numeroso [...] (CAMPOS in *Diário de Pernambuco*, 1948, p 1-2).

A partir da publicação de Paulo Mendes Campos no *Diário de Pernambuco*, que possivelmente não se trata de uma republicação, inúmeras críticas sobre a lírica de Joaquim Cardozo se destacaram no jornal, resultando na relevância da pesquisa, isto é, os documentos que continham a crítica literária especificamente sobre a lírica de Joaquim Cardozo. Diante disso, foram coletadas um total de 50 publicações (21,8%) que tornaram públicas as produções literárias do autor, cujas temáticas mais relevantes tratadas nesta pesquisa são o regionalismo e a temática nomeada de geografia humana. No próximo capítulo, discutiremos mais detalhadamente essas duas claves dessa crítica.

CAPÍTULO 3: JOAQUIM CARDOZO, POETA DO REGIONALISMO E DA “GEOGRAFIA HUMANA”

“Não temos muitos poetas como Joaquim Cardozo. Nossa natureza e formação, mais confusamente angustiada do que de fato sensível tem nos proporcionado uma poesia que, em geral, permanece mergulhada nas manifestações mais espontâneas da emotividade, o amor, a solidão, a morte.”
(Paulo Mendes Campos)

3.1 O regionalismo

Como dito anteriormente, uma das chaves que chama a atenção no que se refere à crítica sobre a lírica de Cardozo no *Diário de Pernambuco* trata-se da temática regionalista que envolve a relação do poeta pernambucano com Recife, havendo maiores referências ao regionalismo nas décadas de 40 e 60. Muitas das produções de Cardozo e conseqüentemente de suas críticas lidam com os aspectos geográficos da região; por outro lado, as mudanças urbanísticas da capital pernambucana também se incluem entre as problemáticas existentes na regionalidade lírica do poeta, destacadas nas críticas literárias do *Diário de Pernambuco*.

O nome do poeta pernambucano foi utilizado inúmeras vezes como referência artística por lamentar os problemas ocasionados pela questionável evolução que ocorriam no início do século XX na cidade de Recife. A insatisfação desse processo de modernização que não foi realizado tendo em vista um planejamento urbano mais comprometido com a região está presente em vários de seus poemas, e foi utilizado pelo *Diário de Pernambuco* em matérias que destacaram poemas que retratam as polêmicas urbanísticas da cidade, como o poema “Recife Morto”, que reproduz o sofrimento do eu lírico em nome do progresso: “Recife,/Ao clamor desta hora noturna e mágica/Vejo-te morto, mutilado, grande/Pregado à cruz das novas avenidas” (CARDOZO, 1947, p. 47-49).

Após a crítica de Paulo Mendes Campos, que iniciou a série de estudos sobre a poesia de Cardozo no jornal, o segundo estudo literário sobre a lírica de Cardozo foi produzido por Mauro Mota (1948)¹⁰, publicado no *Diário de Pernambuco* em 21 de março de 1948. Nesse texto é discutida pelo poeta e jornalista a relação de Joaquim Cardozo com Recife considerando uma relação de amor quase física do poeta e a sua terra, no que explica em sua crítica a relação regional entre Cardozo e a sua cidade natal: “Nunca uma terra e um rio foram tão constantes na obra de um poeta e nunca um poeta foi tão constante no amor quase

¹⁰ Mauro Ramos da Mota e Albuquerque, poeta pernambucano, jornalista, foi redator-chefe e diretor do Diário de Pernambuco. Em 1957 Mauro Mota foi eleito presidente da Academia Pernambucana de Letras, no que vale ressaltar a participação dele na indicação de Joaquim Cardozo à Academia.

físico à sua terra e ao seu rio, como é o caso do Recife e do Capibaribe diante de Cardoso e de Cardoso diante do Capibaribe e do Recife”. (MOTA, 1948, p. 3). Este vínculo entre a capital pernambucana e o poeta conterrâneo citado por Mota é uma questão constantemente pontuada entre as críticas no periódico, até porque Cardozo produziu diferentes poemas que tratam explicitamente sobre a temática aqui discutida, como “As alvarengas”, “Velhas ruas”, “Tarde no Recife”, “Cajueiros de setembro”, “Recife de outubro”, “Autômatos”, entre outras obras que eram desenvolvidas a partir das representações de sua terra natal. Além disso, na mesma publicação acima, Mauro Mota discorda com Manuel Bandeira sobre Joaquim Cardozo ser inserido entre os poetas bissextos, em “Recife Morto” (MOTA in *Diário de Pernambuco*, 1948, p. 3):

O seu "bissexismo" anotado na antologia de Manuel Bandeira poderia existir para gente de longe, mas nunca para a gente do Recife de Cardoso e do Recife dos poemas de Cardoso. [...] Depois de ler esse livro, a impressão que nos fica é a de que o Recife era uma cidade mergulhada na escuridão profunda e indevassável. Passávamos pelas ruas tateando os olhos inúteis diante das belezas circundantes. Foi Joaquim Cardozo quem acendeu os bicos de lampião nas grandes trevas, deixando-nos como um sonâmbulo que não sabe onde está no momento de recuperar a consciência.

Mesmo afirmando no início de sua crítica que sobre Joaquim Cardozo como poeta nada mais era preciso dizer, Mauro Mota descreve a alma da poesia sobre a sua cidade natal como pura e onipresente, um Recife morto que consegue ser um Recife liberto através da lírica cardoziana. Em outras palavras, a partir da crítica de Mota compreende-se que na época a lírica pernambucana estava sem espaço ou/e não destacava a cidade de Recife, pois estava “mergulhada na escuridão profunda”, entretanto, o movimento da época e a lírica cardoziana contribuiu para a ascensão da temática local.

Além de Mauro Mota, a temática utilizada recorrentemente por Joaquim Cardozo denominada por Carlos Drummond de Andrade como a “província”, também é comentada pelo crítico e poeta Jorge de Lima¹¹ (1949, p. 2), consagrado poeta da literatura brasileira, o qual discute sobre a crítica publicada em 1 de janeiro de 1949, “Os ‘poemas’ de Joaquim Cardozo”, a província litorânea que consegue envolver suas regiões ponta a ponta através de seus recursos poéticos - sonoros, imagéticos, gramaticais - de forma grandiosa de quem tanto prezou por sua terra, a ponto de lhe descobrir as fontes da poesia como aponta:

[...] um poeta mais numeroso do que se pensa em matéria de temática de poesia; se a Província do litoral aparece como a fonte dos seus poemas - os seus temas ele vai colhendo por toda parte, na terra e no homem e logo universalizando-os,

¹¹ Jorge de Lima, poeta alagoano, romancista, político, tradutor, teve como sua obra máxima *Invenção de Orfeu* e ganhou em 1940 o Grande Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras.

transfigurando-os poeticamente, lavando-os de qualquer demagogia, de modo a se tornarem ubiquamente poéticos. (LIMA, 1949, p. 2).

Jorge de Lima escreveu esta crítica que se estende em duas páginas no jornal, onde aborda diferentes pontos importantes das produções de Cardozo, e que desenvolve claramente a sua admiração pela poesia do litoral pernambucano. A grande maioria das críticas publicadas no jornal desenvolve perspectivas que já foram apontadas, principalmente por Drummond; como exemplo o trecho acima publicado por Jorge de Lima em 1949, no qual afirma que mesmo sendo um poema cuja fonte seja a província, Joaquim Cardozo utilizará de vários aparatos para produzir sua poesia. Esta questão já havia sido abordada pelo poeta do “no meio do caminho”, no prefácio de *Poemas* em 1947, ao considerar que a poesia cardoziana tem como tema exclusivo o “espírito”, que se confunde com sua natureza e entendimento pessoal (DRUMMOND, 1947, p. 10). Com isso, é possível perceber o impacto do prefácio de Drummond na construção do reconhecimento sobre a obra do autor pernambucano.

Opondo-se à visão de que a temática regionalista de Cardozo não se desenvolve inteiramente a partir do tema principal, Walmyr Maranhão, em texto publicado no *Diário de Pernambuco* no dia 13 de dezembro de 1953, considera inquestionável a visão que Joaquim Cardozo tem acerca dos elementos regionais. Para esse crítico, entre os diferentes poemas de Cardozo, a maior parte retrata Recife e os locais que por muito tempo permaneceram em suas lembranças, pois Cardozo é considerado um poeta que germina na historicidade de sua região, contribuindo com trabalhos que nenhum outro alcançou, nem mesmo o poeta de “Evocação do Recife” de Manuel Bandeira, como Maranhão explicitamente profere no *Diário de Pernambuco*:

[...] Em nenhum outro poeta pernambucano - nem mesmo na obra de Manuel Bandeira - o Recife está tão bem representado. Desde os seus aspectos mais significativos, com as pontes, os arcos, os sobrados e pátios de igrejas, até as coisas mais simples, como a "Fachada verde do Café Maxime" ou o "Cais do Abacaxi". Para os verdadeiros poetas - como Joaquim Cardoso - não existe grande nem pequenos temas, nada lhes escapa à visão, tudo é motivo de poesia. [...] Assim é a poesia de Joaquim Cardoso, fiel a si mesma, como à sua cidade [...] este é o Recife de Joaquim Cardozo, a cidade provinciana de 1925, não o Recife metrópole dos nossos dias, deflorados pelos arranha-céus, como qualquer Nova York, que o poeta vê morto como os seus sonhos de adolescente. (MARANHÃO, 1953, p. 11).

Pode-se notar que Joaquim Cardozo não apreciava o Recife como uma metrópole, pois, é a capital pernambucana com sua essência original que o instiga a enaltecer a geografia de Pernambuco, como se pode verificar inclusive em vários poemas de seu primeiro livro, como “Recife de outubro”, “Autômatos” e “Recife Morto”. Esses pontos discutidos acerca do

regionalismo como temática trabalhada nas críticas literárias no jornal, absorve o comprometimento de Joaquim Cardozo à intensa região e a preservação histórica das relevantes críticas por meio deste veículo de comunicação, mesmo sendo Cardozo uma figura que fugia de tais cerimônias e que não teve o devido reconhecimento, de acordo com Renard Perez¹² (1955, p. 2), em texto de 6 de dezembro de 1955: “Mas, afastado das rodas literárias e dos noticiário dos jornais, sua obra - que nos traz, através de uma profunda individualidade, a revelação intensa do nordeste - não alcançou a devida repercussão.”.

É possível perceber nas produções do autor - como também em sua crítica - a constância dos elementos naturais, como a flora, os rios, a fauna, assim como os aspectos culturais. A frequência com que esses referenciais persistem na lírica de Joaquim Cardozo é algo além de uma abordagem regionalista comum, pois esses aspectos culturais e naturais se sobressaem em sua poesia, como aponta Urariano Mota¹³ em “Um rio que ilumina”, publicado no *Diário de Pernambuco* em 18 de março de 1983 (p. B-9): “Joaquim é o poeta da natureza, de tudo que em si não é tematicamente carnal”. À vista desse comentário é possível constatar que as abordagens utilizadas por Cardozo em relação à temática regionalista e humanística, de fato, não apresenta referência direta com representações carnavais, mas que muitas vezes trata-se dos aspectos culturais e naturais que exprimem a fidelidade de Cardozo a natureza:

Não sendo os editoriais destinados à crítica literária, basta-nos acentuar a fidelidade de Cardozo à terra pernambucana, que, em ponto pequeno, é o próprio Nordeste. De 1925 para cá, temos tido poesia da melhor arrancada aos costumes, tipos e paisagens ou, quando não arrancada, neles envolvida, mercê de valores linguísticos conservado e retrabalhados. qualquer leitura ligeira dos poemas de Cardozo mostra a flora - jameiros, cajazeiras, coqueiros, macaibeiras, verbenas, perpétuas, bogaris e resedás. Mar, rio e paisagem aparecem por toda a parte e os ventos nordestinos, esfíapados, estão no Congresso dos Ventos, reunido por sua imaginação. (*Diário de Pernambuco*, 1974, p.4).

Como foi pontuado no *Diário de Pernambuco*, a lírica regionalista de Cardozo não se detém apenas à preservação arquitetônica ou ao litoral pernambucano, Joaquim Cardozo trata dos aspectos naturais utilizando elementos que representam a localidade como forma de ampliar as particularidades da região, podendo-se incluir a flora, que está presente em diferentes poemas, como “Cajueiros de setembro”, “Chuva de Caju” e “Imagens do Nordeste”, demonstrando as várias impressões captadas por Cardozo acerca do regionalismo.

¹² Renard Perez (1928-2015), escritor nordestino, formado em direito no Rio de Janeiro, cidade onde viveu grande parte da sua vida. Atuou como redator em diversos jornais e revistas. Em 2003, recebeu a Medalha Antônio Houaiss, oferecida pelo Sindicato dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro.

¹³ Urariano Mota, escritor e jornalista pernambucano, colaborador do Observatório da Imprensa e colunista do “Direto da Redação”.

O poeta pernambucano compreende a natureza e antropomorfiza esses elementos expressando-os em seus versos, como aponta Urariano Mota no periódico pernambucano em “Um rio só, só rio” em 22 de abril de 1983 (p. B-9):

Em Joaquim Cardozo, a humanização da natureza não é o mundo físico narrado por um homem livre, independente, como se posto ao centro de um cenário, de uma paisagem, um poeta nos traduzisse o mundo em saborosa expressão. Não é o alubrimento ante um mundo decomposto em imagens de caleidoscópio, ou uma descoberta maravilhada de que “a terra é azul”, como nos falou o primeiro astronauta. Não. Desenvolvendo uma ação antiga, de o poeta se ver em objetos, folhas caldas ou davios cães, em que a recorrência ao mundo natural é claramente metafórica, pois o indivíduo-poeta não se oculta, Joaquim se deixa todo em sombras ao nos falar de entes naturais. Há uma aparente inversão, bem montada. É como se, nele, o indivíduo é que fosse metáfora. É como se a natureza estivesse antropomorfizada pelo fato de o poeta se haver fundido nas pedras, nas águas, fazendo-a erguer-se em voz poética. O passo seguinte nesse jogo de aparências, nessa ocultação do rosto do poeta, não é bem a antropomorfização da natureza, mas a encarnação do homem em pedra.

Neste trecho, Urariano Mota considera que Joaquim Cardozo utiliza o indivíduo como metáfora em sua lírica, ou seja, é apenas um recurso expressivo, pois a principal personagem é a natureza. À vista disso, a preservação da arte regionalista produzida por Joaquim Cardozo é tão marcante ao ponto de ver Recife como um local em que Cardozo transfixou seu espírito lírico e nunca mais ausentou-se, mesmo após sua morte, como Marcus Accioly¹⁴ (1979) apontou em 16 de janeiro de 1979 no *Diário de Pernambuco*: “Joaquim Cardozo - morto - está circunscrito à geografia de Pernambuco: na ponta dos quadriláteros. No Sertão ao Agreste, da mata-Seca ou mata-Úmida ao Litoral, tudo é rodagem da sua passagem, da sua viagem, da sua visagem, da sua paisagem.” (ACCIOLY, 1979, p. A-11). Accioly ainda apresenta nesta mesma crítica, publicada um ano após o falecimento de Joaquim Cardozo, a sua essência regionalista sendo associada aos aspectos naturais do nordeste:

Não o procurem no *Signo Estrelado*, nos *Mundos Paralelos*, na “Visão do Último Trem Subindo ao Céu”, que ele está “Tarde no Recife”, “Recife Morto”, “Recife de Outubro”, “Recife-Várzea: último retorno”. Procurem-no no leite das mangabas, no látex das resinas, na água dos cocos verdes, nos coquinhos redondos da macaíba e compridos do catolé, no hálito das folhas úmidas, no cheiro das plantas, nos pendões de cana. Procurem-no nas flores dos cajus vermelhamarelos, nos cabelos lisos e crespos da chuva-de-vento e da chuva-de-sol, nos pífanos de bambu soprados por cigarras, no pavão de cores líquidas, nos ninhos das cajazeiras sem cajás, nas gaiolas sem pássaros, nos covos sem peixes, no inverno seco e no verão molhado. Procurem-no na primeira mulher com mar no nome. Procurem-no, procurem-no, procurem-no. (ACCIOLY, 1979, p. A-11).

¹⁴ Marcus Moraes Accioly (1943-2017), poeta pernambucano, membro da Academia Pernambucana de Letras, foi integrante do Movimento Armorial e da Geração 65, contribuiu para o *Jornal do Commercio* e fez parte do Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco.

Com efeito, Accioly propõe que o “verdadeiro” Cardozo está nas produções que recorrem a sua região. Com base nas críticas publicadas no *Diário de Pernambuco* referentes ao regionalismo na lírica de Joaquim Cardozo, é interessante notar que os críticos que apresentaram esta temática neste periódico são de modo geral naturalizados na região do nordeste brasileiro, e que interpretaram essa perspectiva de maneira bastante elogiosa, validando tais poemas como de grande qualidade. À vista disso, pode-se afirmar que o regionalismo em Cardozo só é considerado uma excessividade pitoresca, como se infere no prefácio de Drummond, quando não se conhece e/ou não procura-se conhecer a essência da região.

3.2 A geografia humana

De modo geral, de acordo com a citada crítica de Urariano Mota (1983), publicada no periódico em 18 de março de 1983, não é comum encontrar em Cardozo poemas que expressam essencialmente temáticas amorosas, até porque são raras as produções deste poeta que trata deste conjunto de conteúdo, mas aborda originalmente sobre um importante mote que versa as inquietações do mundo em sua lírica. O aspecto operado não se rende apenas a questões sociais e políticas, Cardozo produziu peças líricas mergulhadas nas inquietações psicológicas humanas que problematizam o eu e os sentimentos aflorados, além de ser uma importante abordagem temática que teve maiores referências no *Diário de Pernambuco* na década de 50.

Segundo Urariano Mota, em “Um rio de ilumina” no *Diário de Pernambuco* (1983, p. B-9):

Poderá até vir um desenvolvimento, ao não se achar nele a poesia que estamos acostumados a ler, dos poetas que se identificam a nós pela transmissão de sua vizinha experiência humano-social. Ou seja, na poesia de Joaquim Cardozo, não tem gente bulindo, sofrendo as claras. É uma poesia sem Josés, sem Severinas, sem tuberculoses, sem espelhos que reflitam perdidas faces. O espelho, quando surge em algum dos seus poemas, não é a superfície que reflete os traços do rosto do poeta. O espelho é um dado que leva a desenvolvimento que se furtam ao retrato em três por quatro.

Este reflexo do espelho é uma figura particular de Joaquim Cardozo, produtor de uma ótica poética, que desenvolve uma preocupação por algo que não é instantaneamente perceptível, como “As coisas estão reunindo por trás da realidade” em “O espelho” (CARDOZO, 1947, p. 111), por isso a temática denominada de “geografia humana” vai além da experiência humana-social, como alertou Mota.

Quando se fala em conteúdo sobre a geografia humana, é comum imaginar temas que abordam as contestáveis questões sociais, entretanto, a abordagem das inquietações de Joaquim Cardozo não se detém apenas a essas complicações, como era comumente ver entre os poetas da época, pois, trata-se de um tema que se perdia no vulgarismo diante de sua complexidade, mas que não impressiona Joaquim Cardozo ter trabalhado tal conteúdo de modo distinto, como apontou Walmyr Maranhão (1953, p. 11):

[...] Conhecedor profundo de todos os recursos poéticos, produto de sua experiência humana e literária, aborda Joaquim Cardoso, dentro de suas últimas produções, um dos temas mais perigosos da poesia: a social. As crises que afligem a sociedade humana tornam o tema bastante fascinante, mas sobretudo, traiçoeiro. Raros foram os poetas que conseguiram enfrentá-lo sem cair no panfleto vulgar e grosseiro. E foi diante de um tema tão complexo, que Joaquim Cardoso realizou as duas mais brilhantes páginas de sua obra, os poemas "O Soldado" e "Anjos da paz".

É possível perceber que não há em Joaquim Cardozo um poema que não esteja totalmente realizado, independentemente da temática abordada, e que por esse motivo Cardozo tem o seu valor enquanto poeta - como também enquanto engenheiro - e as poucas críticas que o julgam sabem disso e deixam claro o modo simples com que o poeta pernambucano concretiza a sua lírica bem-acabada.

Superficialmente é comum conhecer o trabalho de Cardozo acerca de suas lembranças e imagens de Recife e do Nordeste, mas é o estilo lírico de discutir a profundidade de pensamento nas produções cardozianas que instiga Jorge de Lima a publicar “Os *Poemas* de Joaquim Cardozo” no *Diário de Pernambuco* no dia 1 de janeiro de 1949, estudo desenvolvido a partir do primeiro livro de Cardozo. Os seus importantes apontamentos foram referência para o nome do presente capítulo, tendo em vista que Jorge de Lima destaca a “geografia humana” que consegue humanizar até os ventos do nordeste (1949, p. 2):

E sobretudo, é Cardozo o poeta de geografia humana nordestina; poesia humaníssima, humanisticíssima que procurando o homem paisagístico, o capta sempre vivo, sempre poeticamente humanado, quer dormindo “mais puro do que um menino”, quer impelindo alvarengas e tanto encontrado (esse homem da Província universalizado pela sua geografia humana) em Recife, nas águas do Capibaribe, como em qualquer parte do mundo onde haja portos e rios e homens curvos impelindo barcos.

O poeta alagoano produz um longo artigo em que deixa explícito o seu afeto por Cardozo, nomeando-o um “poeta irmão”, e admite que ambos partilham da mesma feição pela poesia moderna e pela poesia de inspiração nordestina sobre a província, mesmo considerando Cardozo mais maduro na arte poética. Jorge de Lima ainda destaca a lógica utilizada por Cardozo em todo o seu livro, pois desenvolve um domínio da imaginária poética

através dos seus motivos universalizados a lírica, como em “Ave de rapina”, “Poesia da presença invisível”, “Elegia para os que ficaram na sombra do mar”, “Poesia em homenagem a Isadore Ducasse”, “Poema dedicado a Maria Luiza” e conclui a sua crítica com o seguinte trecho (1949, p. 2):

Grandes e inesquecíveis poemas são ainda "Imagens do Nordeste", "Os anjos da paz", "O relógio", "Figuras do Vento", "O Espelho", "Eram cinco estrelas do mar", todos eles denotando um domínio da imaginária poética como há poucos exemplos senão raríssimos na moderna poesia brasileira; sim, há por trás de todos eles, uma estética de imagem poética sem colorismo decorativo, sem vocalizações, enfeitações e outros cacoetes modernos e antigos. Que há mensuralismo como em Dante Milano há, porém, do bom, num ritmo socializante, congregante sem querer. Assim, ele repudia mansamente o supérfluo; é um modo todo poético indissolúvel, uma lógica em todo o livro adquirida pela unidade lírica, uma placidez enorme, uma consolação ou uma esperança meio aflita.

De fato, Joaquim Cardozo, o poeta do litoral pernambucano, usa, também, suas referências nordestinas para alcançar a antropomorfização e humanizá-las; a partir disto, Jorge de Lima relaciona o funcionamento do primeiro instrumento órgão criado pelo egípcio Ctesíbio, que funcionava através das águas do Nilo e o compara com Joaquim Cardozo, visto que o poeta irmão tange o seu órgão através das águas do Capibaribe regional e que seriam águas tão universais e batizantes quanto as do Jordão, Volga e Danúbio, instrumentos ecumênicos.

A respectiva crítica produzida por Jorge de Lima é uma das mais interessantes publicadas no *Diário de Pernambuco*, assim como uma das mais extensas, sendo publicada no jornal no primeiro dia do ano de 1949, ainda vale destacar que possivelmente não se trata de uma republicação.

Esse lado “humanista” apontado por Jorge de Lima terá continuidade em outros leitores de Cardozo. Vários leitores críticos se dedicaram a elogiar a sua fonte poética, que é a sua geografia humana abordando não apenas a lírica do humano por si só, mas uma lírica voltada para as questões inerentes ao homem de seu século. Deste modo, esse conteúdo poético denominou Cardozo como um poeta preocupado com as inquietações que retratam as profundidades das problemáticas psicológicas e suas emoções, como ratifica Sidrack de Holanda Cordeiro (1980, p. A-8):

Poeta pernambucano dentre os mais brilhantes depois de 1930, humanista notável, portador de cultura ciclópica, inclusive no campo das matemáticas, criador de emoções, imagens e sensações, para além da vida e da morte, do presente e do futuro, fez criações poéticas experimentais, como verdadeiro mestre.

A mestria citada por Sidrack de Holanda Cordeiro envolve todos os aparatos poéticos utilizados por Joaquim Cardozo em suas produções, inclusive a sua humanidade, mas está

humanidade não está relacionada a teoria filosófica moral humanista¹⁵, como já se pode compreender, é uma humanidade que desenvolve as emoções do homem e seus mistérios.

À vista disso, a sua preocupação com o alargamento da visão interior lhe exigiu disciplina e esforço tornando-o um dos maiores poetas do Brasil, ao lado de importantes nomes pernambucanos e tão completos quanto João Cabral de Melo Neto, e que conseguiu tratar de forma superior a “geografia humana”, no qual alcança o ápice ao abordar discutíveis abordagens com diferentes recursos, como é citado no *Diário de Pernambuco* no dia 12 de novembro de 1972 (1972, p. 8), por Valdi Coutinho¹⁶:

E é preocupação de um sábio a busca do homem pelos mistérios do seu destino e de sua verdadeira essência como ser que ainda se desconhece e desconhece o que o cerca. Mas é humilde porque sabe o quanto "sobra" por saber agora e sempre. Agora, que a humanidade começou a emergir de sua infância; e, sempre, por ser o humano uma fonte ciclópica de poder criador, fonte cujas nascentes vêm da própria natureza, quer sob o ponto de vista transcendental de um, quer sob o material ou imanentista de outros. Não importa a linha filosófica em que se situem as convicções, o humano é fonte geratriz dentro-fora, transmutador e transmutável.

Joaquim Cardozo é considerado um grande intelectual que esbanja em suas produções conhecimentos diversos, além de ter sido um leitor vigoroso, entretanto, as suas principais observações e estudos eram voltadas à enciclopédia da humanidade, sua principal fonte são os mistérios do homem.

Diante disso, é importante observar que o enredo “espiritual” utilizado por Joaquim Cardozo também era discutido nas publicações periódicas, não se detendo apenas em seu lado regionalista, mas também no lado “universalista” que poetiza a nordestina experiência humana, tendo em vista que grande parte dos estudos literários direcionam o poeta pernambucano sempre dentro do grupo regionalista.

O lugar que a poesia de Joaquim Cardozo ocupa nos estudos literários brasileiros é até os dias de hoje bastante impreciso e nebuloso, uma vez que a crítica que se dedicou ao autor apresentou posições flutuantes, ora o elegendo como uma das maiores expressões poéticas nacionais do século XX, ora o alocando de maneira bastante tênue em grupos regionais, ou até mesmo o ignorando, seja por desconhecimento de sua obra ou pela pregnância de leituras apressadas. (CINTRA, 2019, p. 69).

Ambas as perspectivas críticas coletadas no *Diário de Pernambuco* não estão inseridas na fortuna crítica do autor Joaquim Cardozo publicada na edição da Nova Aguilar, fazendo com que essas análises apresentadas tornem-se relevantes para futuras pesquisas

¹⁵ Teoria que coloca o ser humano no centro do mundo, tem preocupação com a ética e defende a dignidade do ser humano, recusando explicações transcendentais e prefere o racionalismo.

¹⁶ Valdi Coutinho, o pernambucano atuou como ator, diretor, dramaturgo, produtor cultural - criador do tradicional “Baile dos Artistas” em Recife - também trabalhou trinta anos no *Diário de Pernambuco* como jornalista.

sobre a crítica do autor pernambucano, pois: “A crítica é uma obra, gente. A crítica é uma invenção sobre determinado fenômeno artístico, da mesma forma que a obra de arte é uma invenção sobre um determinado fenômeno natural” (ANDRADE, 1993, p. 13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa, pudemos analisar que uma das faces menos estudadas da obra lírica do pernambucano Joaquim Cardozo foi sua recepção crítica, e que, a partir deste estudo pode-se observar a relevância da crítica literária e da crítica literária na imprensa para a construção do conhecimento sobre a obra do autor, que esteve presente nas folhas do jornal *Diário de Pernambuco*, disseminando a obra de Cardozo e propagando os textos, bem como o acesso a seus leitores conterrâneos de modo mais acessível.

Pode-se também analisar que a maioria dos autores que publicaram sobre Joaquim Cardozo eram nativos da região do nordeste, certificando, assim, a relevância poética de Cardozo para a localidade. Além do mais, a frequência com que Joaquim Cardozo era citado no *Diário de Pernambuco* se altera de acordo com as publicações de suas obras, indicando que a cada livro seu publicado, a crítica desse periódico fazia ampla divulgação, tratando-o como um importante autor da terra. Vale destacar que o poeta engenheiro passou a ter o seu nome lembrado como um renomado poeta a partir da sua primeira publicação em *Poemas*, explicitando, desta forma, a importância de uma produção publicada para o reconhecimento de um escritor.

Os aspectos discutidos acerca da lírica de Joaquim Cardozo eram grande parte baseados no relevante prefácio de Drummond, pois, as críticas utilizavam das temáticas - “província” e o “espírito” - como base para a produção de novos julgamentos, gerando impactos históricos na preservação das obras do autor pernambucano no periódico *Diário de Pernambuco*.

À vista disso, pode-se dizer que as críticas literárias publicadas no *jornal* sobre a lírica de Joaquim Cardozo representam a notoriedade das originais produções do poeta pernambucano com base na percepção dos textos da época, além do mais, os estudos presentes no periódico não constam na fortuna crítica do autor, fazendo com que esses dados sejam de significativa importância para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ACCIOLY, Marcus. Joaquim Cardozo. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 1979, n. 00015, 16 jan. 1979, p. A-11.
- ANDRADE, Mário de. **Vida literária**. São Paulo: Edusp/Hucitec, 1993, p. 13.
- ASSIS, Machado de. O ideal do crítico. In: **Machado de Assis/ Obra completa**, v. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1862.
- BANDEIRA, Antônio Rangel. O poeta e o calculista. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 1973, n. 00145, 1 jun. 1973, p. 4.
- BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL BRASIL. **Hemeroteca digital**. [Rio de Janeiro]: Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> . Acesso em: 15 de mar. 2020.
- CAMPOS, Paulo Mendes. Um poeta de Bom-gosto. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 1948, n. 00068, p. 1-2.
- CARDOZO, Joaquim. **Poemas**. Rio de Janeiro: Agir, 1947.
- CARDOZO, Joaquim. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2007.
- CINTRA, Elaine Cristina. Joaquim Cardozo e o testemunho da década de 20: memória e crítica literária no modernismo nordestino. **Miscelânea**, 2017. Disponível em: <http://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/1094>. Acesso em: 23, maio de 2020.
- CINTRA, Elaine Cristina. Um estudo sobre a presença da lírica de Joaquim Cardozo nas histórias de literatura brasileira. **Gláuks**, 2019. Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/146>. Acesso em: 16 jul. 2020.
- CORDEIRO, Sidrack de Holanda. Homenagem ao poeta. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 1980, n. 00183, 9 jul. 1980, p. A-8.
- COUTINHO, Valdi. Cardozo poeta e teatrólogo e um bumba meu boi desconcertante. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 1972, n. 00276, 12 nov. 1972, p. 8.
- DANTAS, Maria da Paz Ribeiro. **Joaquim Cardozo – ensaio biográfico**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985.
- EAGLETON, Terry. **A função da crítica**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- HOUAISS, Antônio. **Drummond mais seis poetas e um problema**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, p.189-202.
- JOAQUIM Cardozo. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 1977, n. 00303, 8 nov. 1977, p. B-3.
- LEAL, César. A luz na poesia de Joaquim Cardozo. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 1960, n. 00046, 25 fev. 1960, p. 7.
- LIMA, Jorge de. Os poemas de Joaquim Cardozo. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 1949, n. 00001, 1 jan. 1949, p. 1-2.
- MARANHÃO, Walmyr. Notas sobre a poesia de Joaquim Cardozo. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 1953, n. 00284, 13 dez. 1953, pp. 1-11.
- MELO NETO, João Cabral. Honras à amizade. CARDOZO, Joaquim. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 65, 2010.

- MELO, Virginius da Gama. Recife e Tramataia. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 1972, n. 00194, 16 ago. 1972, p. 4.
- MOTA, Mauro. Recife morto. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 1948, n. 00068, 21 mar. 1948, p. 3.
- MOTA, Urariano. Um rio que ilumina. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 1983, n. 00075, 18 mar. 1983, p. B-9.
- NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco**. 2.ed. Recife: UFPE, Empresa Universitária, 1968. V.1.
- NINA, Cláudia. **Literatura nos jornais: a crítica literária dos rodapés às resenhas**. São Paulo: Summus, 2007.
- O VIOLINISTA Alfredo Medeiros. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 1946, n. 00095, 23 de abr. 1946, p. 4.
- PEREZ, Renard. Joaquim Cardozo, um grande poeta bissexto. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 1955, n. 00276, 6 dez. 1955, p. 2.
- POETA e matemático, quem entende?. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 1971, n. 00163, 18 jul. 1971, p. 12.
- POETA já tem onde ir morar. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 1971, n. 00267, 18 nov. 1971, p. 1.
- POETA na Academia. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 1974, n. 00317, 15 nov. 1974, p. 4.
- SANTIAGO, Silviano. “Crítica literária e jornal na pós-modernidade”. In: **Revista de Estudos de literatura**, Belo Horizonte, v. 1, ano 1, 1993, pp. 11-17.
- SOUZA BARROS. **A década de 20 em Pernambuco**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Acadêmica, 1972.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. **História da literatura: trajetória, fundamentos, problemas**. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 18-23.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. Crítica literária: seu percurso e seu papel na atualidade. **Floema**, ano VII, n. 8, p. 29-38, jan./jun. 2011.
- STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- SUASSUNA, Ariano. Cardozo e Prestes. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 1978, n. 00309, p. A-11.
- TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal**. São Paulo: Ateliê, 2001
- WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. São Paulo, Schwarcz, 1990.